

> UM OLHAR SOBRE OUTRA MULHER E O ENCONTRO COMIGO MESMA

Thaís Henrique Dias

> thaishdias5@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e
Direito da Universidade Federal Fluminense

Resumo>

A fotografia usada como um meio de expressão e também como um pretexto para o encontro, permitiu-me “ver com olhos livres”. Este trabalho é uma busca por mim mesma por meio do olhar sobre outra pessoa, a minha avó. Mais do que por laços sanguíneos, somos ligadas por laços de afetividade e intimidade, e a comunhão desses aspectos desemboca na busca pelo entendimento da minha identidade por meio da memória, sobretudo a familiar. O presente trabalho objetiva, pois, relacionar a fotografia aos estudos de memória e identidade de forma poética.

Palavras-chave> Fotografia. Memória. Identidade.

1 Introdução

O trabalho fotográfico com a minha avó surgiu a partir dos estudos sobre memória e identidade. Ao entender que a identidade e a memória são construções contínuas e conflituosas e como esta influencia naquela, percebi como a minha identidade é influenciada pela minha memória, na qual a minha avó ocupa um lugar importante como elemento constitutivo forte, isto é, como pessoa e personagem marcada na minha memória individual.

Na medida em que se percebe que a fotografia é um pouco do encontro com o outro e com o momento e suas significações, intermediado pela câmera, já que o encontro não cabe na fotografia, este trabalho mostra como ela é um pretexto para me aproximar mais profundamente de uma das pessoas mais importantes da minha vida. Ao passar um final de semana junto à minha vó, acompanhando seu andar rápido e o seu movimento ágil em sua casa e na roça, espaços de conforto para ela, percebi aspectos dela, bem como meus, que não havia apreendido antes, apesar de uma vida de convivência.

O olhar atento e empático sobre ela também é único e singular, na medida em que é um processo solitário de tentar me redescobrir nela. Nesse sentido, é que Andrade (2002, p. 29) utiliza a expressão “ver com olhos livres”, ou seja, de dar permissão e passagem ao inconsciente e ao imaginário, a princípio, sem a preocupação em compreender o objeto intelectualmente. No livro sobre a vida e obra do fotógrafo-etnógrafo Pierre Verger, Jérôme

Souty (2011, p. 29-32) destaca a disponibilidade desprendida e desapegada de Verger, pelo menos num primeiro momento, de observação e escuta, para que as pessoas se abrissem e mostrassem o que quisessem. Isso significa dizer que ainda que a imagem fotográfica seja uma criação das formas sociais do olhar (SILVA, 2011, p. 229) e, no caso do pesquisador, os conceitos teóricos estejam presentes na orientação do olhar sobre o objeto de pesquisa, este trabalho não tem a preocupação em entender esse outro sujeito enquanto objeto científico, mas de deixar me afetar pelo encontro com o outro, buscando não só compreendê-lo, mas também aprender com ele (GUSMÃO, JOBIM E SOUZA, 2008, p.25).

Mais do que minha avó, Idalina é uma mulher de 72 anos, vaidosa, nascida na zona rural de São Gabriel da Palha, noroeste do Espírito Santo. Até a adolescência, viveu com os pais e mais nove irmãos, dos quais era uma das mais novas. A família plantava café, milho, feijão e sobrevivia, sobretudo, da colheita do café, que era farta. Também criavam porcos, galinhas e vacas. Casou-se aos 16 anos e teve seu primeiro filho aos 17 anos, cujo nascimento quase a matou. Nos anos seguintes teve mais duas filhas e aos 33 anos de idade teve a última filha. Separou-se do marido, aos 42 anos, quando ele começou a ficar violento, provavelmente devido ao alcoolismo, em uma família considerada “tradicional”. Porém, trabalhando no posto de saúde, como auxiliar de saneamento, e com a ajuda dos irmãos e amigos minha vó conseguiu criar os quatro filhos com menos dificuldade e muito amor. Amor esse que recebo como neta a cada abraço que compartilhamos quando nos encontramos.

A afetividade é, pois, um dos temas centrais deste trabalho. O meu olhar sob a minha avó, mas também o olhar dela sob mim é permeado por afeto, carinho e amor. Na busca de mostrar esses sentimentos por meio da fotografia procurei perceber e ouvir cada detalhe dessa mulher. A intimidade me poupou de fazer perguntas, pois ela teve prazer em me contar os detalhes de seu dia, quem eram as pessoas nas fotos antigas, o seu trabalho na roça, as plantas e árvores que havia plantado, como ela e o Paulo, seu atual companheiro, haviam reavivado a nascente do rio, entre outras coisas. Contudo, o que chama a atenção é o não dito: a força de suas pernas, a delicadeza de suas mãos, o olhar, os gestos.

2 À espreita em busca das memórias imaginadas

De uma forma geral, a fotografia foi utilizada como uma ferramenta de aproximação e investigação em campo, a partir do seu uso relacional e afetivo, que também está associado ao seu uso documental e heurístico (SOUTY, 2011, p.106). O objetivo foi relacionar a capacidade poética e artística da fotografia, em retratar pessoas e provocar sentimentos, com questões de gênero, etnografia, memória, identidade e afetividade. Mais especificamente, o processo fotográfico e as próprias fotos foram realizados a fim de resgatar memórias individuais e de família pela oralidade, bem como fazer um registro memorial visual.

Essa busca de conhecer minha avó de forma mais profunda está diretamente ligada com a vontade de me conhecer, também mais profundamente. Mas, para isso, é preciso entender como a identidade e a memória se relacionam. De acordo com Pollak (1992, p.202), a memória é constituída pelos acontecimentos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”, isto é, vividos pelo grupo

ou coletividade que a pessoa se sente pertencente, por pessoas, personagens e lugares, os quais consistem em lugares de apoio de memória ligados a uma lembrança marcante. Trata-se, pois, de um fenômeno construído social e individualmente.

Segundo Candau (2011, p.137-141), pode-se observar mais facilmente o jogo da memória e da identidade por meio da memória genealógica e familiar. Isso porque a memória familiar serve como princípio organizador da identidade do sujeito sob diferentes modalidades. A busca identitária movimenta e reorganiza a genealogia naturalizada, que está relacionada com o sangue e solo, e a genealogia simbolizada, constituída a partir de um relato fundador. Nesse sentido, há uma reapropriação do passado familiar realizada de maneira individual, na qual cada pessoa confere um significado singular aos acontecimentos familiares memorizados.

A partir dessa reapropriação, a pessoa constrói sua identidade pessoal e realiza o aprendizado da alteridade, de modo que a memória familiar é para o indivíduo, ao mesmo tempo, a consciência de uma ligação e a de uma separação. Pollak (1992, p.204) também traz esse aspecto ao afirmar que a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade, credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Quando se trata de memória herdada há, portanto, uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, como imagem de si, para si e para os outros. A memória, segundo Pollak, é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa em sua reconstrução de si.

A fim de refletir sobre os usos e significados da fotografia como representação no âmbito da denominada fotografia familiar, pessoal ou de ocasião, Caetano (2007, p.69) faz uma abordagem da fotografia enquanto “um instrumento de representação das pessoas e dos seus percursos biográficos, na criação e acumulação de conhecimento sobre si mesmas, sobre os outros e sobre as realidades em que se inserem”. Para a autora, a possibilidade criada pela fotografia em transformar o mundo material em representação seria o ponto central do contato entre fotografia e identidade, na medida em que a fotografia é um sistema simbólico de representação, que “participa na atribuição de significado a pessoas, acontecimentos e objetos, contribuindo dessa forma para o estabelecimento da imagem que os indivíduos criam de si mesmos e da realidade em que estão inseridos”.

Nesse sentido, o interesse pelo outro e, ao mesmo tempo, por mim mesma, tendo em mente os aspectos de memória e identidade aqui abordados, me fez querer fotografar a minha avó. Trata-se de um olhar cuidadoso e atento, percebendo-me no outro. Ainda que este trabalho não tenha tido o intuito de fazer uma pesquisa etnográfica e antropológica de forma elaborada, isto é, de transformar minha avó em objeto e mergulhar em uma pesquisa de sua origem, sonhos, hábitos, mitos, etc., os relatos e conversas que tivemos durante o processo fotográfico me permitiram enxergar coisas que antes eu não percebia.

A percepção de sua agilidade em um ritmo difícil de acompanhar, sobretudo por meio da câmera fotográfica, e a preocupação com o seu corpo e envelhecimento, foram dois aspectos marcantes deste trabalho. É verdade que eu já sabia dessas suas características, mas o olhar atento e perceptivo,

sobretudo dos detalhes, permitiu-me percebê-las de forma diferente, ou seja, de forma mais poética e interessada, buscando compreender aspectos de minha origem e do meu próprio processo de compreensão enquanto mulher como sujeito político.

Andrade (2002, p.26) explica que o elo entre a antropologia e a fotografia se dá na tênue relação entre a visão do observador e da coisa observada, resultando em uma imagem a qual representa a comunhão entre esses dois campos. Mas, essa imagem só acontece quando o observador está atento às coisas que observa. O estar atento aqui, não consiste em um ato mecânico de observação, mas envolve a experimentação de certos sentimentos que o outro desperta em nós e nos permite conhecê-lo de forma mais profunda. Dessa forma, a fotografia pode ser um meio de expressão, permitindo-nos uma visão mais ampliada das coisas alheias.

Essa comunhão envolve, pois, sentimentos e sentidos, isto é, percepções sensoriais. O movimento ágil do corpo de minha vó de forma constante, em contraposição ao aspecto fixo da fotografia me colocou como que à espreita para captar aspectos de sua delicadeza, ao mexer na terra (Fotografia 1), e também de sua força ao cortar um pedaço de galho (Fotografia 2) e ao tirar o peixe do anzol (Fotografia 3), por exemplo. Sempre com o olhar em direção a terra, ao rio ou ao fogão à lenha, poucos foram os momentos em que consegui captar seus olhos. O uso de um chapéu sobre um boné, além dos óculos, muitas vezes, escondia seus olhos grandes e lacrimejantes (Fotografia 4).

As fotos de partes do corpo bem como de outros corpos, como é o caso da Odalisca (Fotografia 5) e dos pés do Paulo (Fotografia 6), bem como de parte da sala de sua casa (Fotografia 9) teve como finalidade buscar essa compreensão sensível da minha avó e do que a circunda. A sensibilidade e força são aspectos marcantes nela. Ao falar de alguns casos familiares ou de algumas pessoas, bem como quando eu e ela trocamos palavras de carinho, a sua voz falha e os seus olhos se enchem d'água. Essas suas características parece que foram passadas para mim como uma herança por meio de *olhos d'água*¹.

Com base no trabalho de Halbwachs sobre memória coletiva, a antropóloga Lins de Barros (1989) analisa a questão da memória individual e coletiva a partir de seus estudos sobre a construção das representações da vida familiar na classe média carioca e sobre álbuns de família. Nesses estudos, os avós aparecem como mensageiros da memória ou como narradores, considerados figuras fundamentais para a análise da representação da família. Segundo ela, os avós reconstroem suas vidas, estabelecendo na lembrança o espaço familiar, a representação da família e suas relações internas, as quais são reelaboradas no presente, sofrendo assim a marca do tempo e das mudanças sociais.

A herança da sensibilidade mistura-se com as memórias herdadas de família, especificamente sobre a minha avó e também a partir dela como narradora. Tais memórias construíram e constroem a imagem de uma mulher forte e extremamente sensível ao mesmo tempo. A independência que ela construiu em torno de si e a incessante busca por viver do jeito que se quer, influenciam-me de uma maneira tão forte ao ponto de poder me identificar como *neta de Idalina*.

Ao me identificar com esses aspectos de minha avó percebo como a imagem, mental e visual,

1 Expressão inspirada no conto "Olhos d'água", de Conceição Evaristo, publicado no livro de mesmo nome. No conto, Conceição Evaristo escreve sobre a memória que tem de sua mãe e lembra a cor dos olhos dela: a cor de olhos d'água.

que eu construí dela influenciou e continua a influenciar na construção da minha identidade e no meu processo de autoconhecimento. Tal influência se dá, sobretudo, na construção de aspectos subjetivos de percepção de mim mesma em relação ao mundo e, portanto, nas questões que me atravessam, sobretudo, de gênero e em relação ao meu corpo. Ao me permitir reconhecer-me na minha avó e conhecer meus próprios sentimentos através dela, sou capaz de me entender de forma mais nítida, uma vez que somos mais construção e reconstrução do que algum tipo de essência.

3 Considerações finais

Falar de minha avó não é uma tarefa fácil. A pretensão aqui não foi o de apreendê-la de forma totalizante por meio de um trabalho acadêmico ou fotográfico, pois isso seria impossível. O objetivo foi o de utilizar a fotografia como uma realidade revelada e resgatada por meio de um olhar único e singular em constante troca e participação com a minha avó. A partir de uma observação despreendida de alguém que não é estranha à fotografada, o processo fotográfico foi permeado por prazer, afetividade e intimidade.

É certo que a intimidade pode facilitar a abordagem daquela que é fotografada, mas, ainda assim, pude me deparar com algumas dificuldades, sobretudo na casa de minha vó, devido à luz e em relação à agilidade de seus movimentos. Já na roça, a riqueza das cores e formas, verde, azul, plantas e terra, permitiu-me explorar melhor o espaço e os movimentos de minha avó, apesar de sua agilidade e das sombras das plantas e do chapéu em seu rosto. Mais do que esses aspectos técnicos, a experiência que eu tive em fotografá-la foi uma experiência compartilhada, na qual busquei, primordialmente, entrar em contato com ela por meio de um olhar sensível. Este trabalho é, pois, o resultado da comunhão entre pessoas, lugares e memórias, que me permitiu mostrar-me por meio de fotografia, como um autorretrato, proporcionando um encontro comigo mesma.



Fotografia 1 – Mãos de Idalina (O autor, 2016).



Fotografia 2 – Idalina cortando galhos com facão (O autor, 2016).



Fotografia 3 – O peixe no anzol de Idalina (O autor, 2016).



Fotografia 4 – Idalina e seus olhos d'água (O autor, 2016)



Fotografia 5 – Odalisca (O autor, 2016).



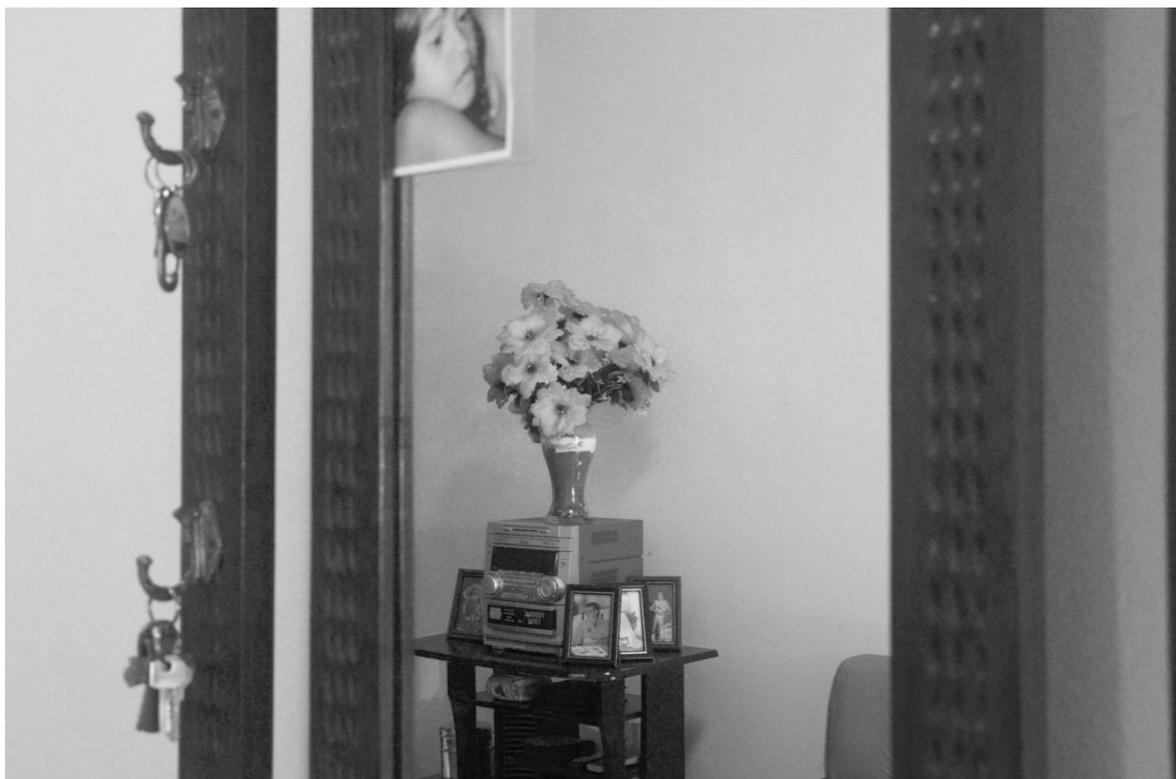
Fotografia 6 – Pés de Paulo na roça (O autor, 2016).



Fotografia 7 – Idalina e Paulo fazendo a cerca para os bois não entrarem no poço (O autor, 2016).



Fotografia 8 – Idalina em casa com o pé de romã (O autor, 2016).



Fotografia 9 – Fragmento da sala da casa de Idalina (O autor, 2016).



Fotografia 10 – Idalina e a crina de Odalisca (O autor, 2016).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rosane de. Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CAETANO, Ana. Práticas Fotográficas, Experiências Identitárias: a fotografia privada nos processos de (re)construção das identidades. Revista Sociologia, Problemas e Práticas, Lisboa, n.º 55, p. 69-89, 2007.
- CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2001. 219p.
- GUSMÃO, Denise S.; JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. Psicologia & Sociedade, vol. 20, Edição Especial, p. 24-31, 2008.
- LINS DE BARROS, Myriam M. Memória e família. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 29-42, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1991.
- SILVA, Sergio L. P. A fotografia e o processo de construção social da memória. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 47, N. 3, p. 228-231, set/dez 2011.
- SOUTY, Jérôme. Pierre Fatumbi Verger: do olhar livre ao conhecimento iniciático. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. 446p.

A LOOK ON ANOTHER WOMAN AND THE ENCOUNTER WITH MYSELF

Abstract: The photograph, used as a means of expression and also as a pretext for the encounter, allowed me to experience the look freely. This work deals with a search for myself by looking at another person, my grandmother. More than blood ties we are connected by bonds of affection and intimacy whose communion ends in the search for the understanding my identity through memory, especially the familiar one. The present work aims, therefore, to relate photography to studies of memory and identity in a poetic way.

Keywords: Photography. Memory. Identity.

Recebido em 24 de fevereiro de 2019

Aprovado em 04 de julho de 2019